

Amor enquanto escola do comunismo: emancipação feminina e revolução sexual

*Love as a School of Communism: Women's Emancipation, and Sexual
Revolution*

*El amor como escuela del comunismo: emancipación femenina y revolución
sexual*

Higor Codarin¹  0000-0002-0227-1803

¹Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Sociologia, Campinas, SP,
Brasil. 13083-896 – scpgsoci@unicamp.br



BRONNIKOVA, Olga; RENAULT, Matthieu.

Kollontai: desfazer a família, refazer o amor.

Trad. de Letícia Mei. São Paulo: Boitempo: 2025.

Nascida em São Petersburgo, em 1872, Alexandra Mikhaylovna Kollontai foi uma das principais comunistas do século XX. Entusiasta da perspectiva política do populismo russo, descobriria o marxismo ainda no final do século XIX. A partir dele, vinculou-se aos mencheviques e, posteriormente, em meio à primeira guerra mundial, aliou-se aos bolcheviques, tornando-se parte da vanguarda do processo revolucionário que culminou na tomada do poder em outubro de 1917. Foi a única mulher a fazer parte do primeiro governo soviético, na condição de comissária do povo para a Assistência Pública. Além disso, junto a outras mulheres, criou a seção feminina do Comitê Central do partido bolchevique, denominada Jenotdel, da qual foi nomeada dirigente em 1920. Sua vasta produção teórica centrou-se, especialmente, na necessidade imperativa de conjugar a emancipação feminina e, de forma indissociável, uma nova moral sexual à construção de uma sociedade comunista. Embora tenha sido uma protagonista da primeira revolução marxista do mundo, a vida e a obra de Kollontai permanecem à margem do panteão revolucionário. No Brasil, por exemplo, ao longo do século XX, sua produção foi representada apenas por uma pequena coletânea intitulada *A nova mulher e a moral sexual* (Alexandra KOLLONTAI, 2000)¹. Em comparação com outras figuras da Revolução Russa, Kollontai segue, ainda hoje, relativamente desconhecida. A que se deve esse relativo ostracismo?

Movidos por essa questão, Olga Bronnikova (Universidade Bordeaux Montaigne) e Matthieu Renault (Universidade Toulouse Jean-Jaurès) escreveram uma biografia de Alexandra Kollontai. Diferente do modelo tradicional, centrado na cronologia e na intimidade, apresentam a biografia de um pensamento, focada na trajetória intelectual da revolucionária.

¹ A primeira edição desta obra, reeditada posteriormente, remonta aos anos 1930.

Concentrando-se no período de 1905 a 1923, a autora e o autor propõem a reconstrução do projeto político de Kollontai, distanciando-se de uma abordagem, tornada comum em biografias, que enfatiza pioneirismos individuais. Em outras palavras, recusam a leitura de Kollontai como uma mulher à frente de seu tempo. Ao contrário. Ao retomar os escritos teóricos da revolucionária, evidenciando, como se verá, a complexa heterogeneidade de seu pensamento, buscam apresentá-la, justamente, como filha de seu tempo.

Dividida em sete capítulos, além de um prólogo e um epílogo, a reconstrução da trajetória da revolucionária russa, levando em consideração sua imersão em um contexto histórico determinado, não os impediu de mensurar “a atualidade do pensamento e das lutas de Kollontai” (Olga BRONNIKOVA; Matthieu RENAULT, 2025, p. 17). Contudo, tornou-se importante, também, considerar sua inatualidade. Atentar-se a este aspecto é o ponto nevrálgico e principal mérito da publicação, constituindo sua originalidade e pertinência.

Ao indicar compromisso com a necessidade imperativa da emancipação feminina e da construção de uma outra sociedade, a autora e o autor compreendem a inatualidade do pensamento de Kollontai como resultado de uma dupla inadaptação ao tempo presente. Por um lado, diz respeito às “[...] ideias e perspectivas revolucionárias que a história apagou, que sofreram erosão ou foram sufocadas antes de poderem se concretizar” (BRONNIKOVA; RENAULT, 2025, p. 17). Neste sentido, mereceriam ser reatualizadas e rediscutidas. No entanto, por outro, sublinhar essa inatualidade é, também, lançar luz às zonas de sombra, ambivalências e contradições de um pensamento orientado por coordenadas históricas específicas que, invariavelmente, tornaram-se anacrônicas diante do desenvolvimento das teorias feminista e marxista.

Ao alternar e integrar as análises teóricas de Kollontai – a partir de conferências, artigos, livros e contos – com sua militância política *stricto sensu* no movimento de mulheres e no Partido Social-Democrata da Rússia, Bronnikova e Renault retraçam criticamente os principais aspectos de seu pensamento, sempre cotejando as temáticas abordadas com elementos pertinentes de sua vida pessoal. Embora, por vezes, as análises se estendam excessivamente e os aspectos da vida pessoal pareçam escassos para quem espera uma biografia repleta de intimidades, a articulação entre as duas esferas da vida de Kollontai – a pública e a privada – revela-se satisfatória. Isso se torna ainda mais relevante diante das quatro biografias já publicadas sobre a revolucionária russa (três em inglês e uma em francês, nenhuma delas traduzida para o português), além da autobiografia escrita por ela própria em 1926, com as quais estão em diálogo.

O encontro com o marxismo, base fundacional de seu pensamento, deu-se a partir de três obras. Para além do *Manifesto Comunista* (Karl MARX; Friedrich ENGELS, 2010), foram importantes os livros *A mulher e o socialismo* (Auguste BEBEL, 1923) e *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (Friedrich ENGELS, 2019). Apropriando-se criticamente dessas produções, Kollontai edifica um corpo teórico original, centrado, em linhas gerais, em três questões principais interrelacionadas. *Primo*, a historicidade intrínseca do patriarcado – e, por consequência, da família –, indicativa da correspondência orgânica entre o papel da mulher na produção e sua situação social. *Secundo*, a indissociabilidade, apesar das particularidades, entre o movimento de mulheres (Kollontai recusava o termo feminista) e o movimento operário. *Tertio*, a conjugação imperativa entre revolução política e revolução sexual, tendo como eixo a criação de uma nova moral sexual que destruísse as estruturas familiares monogâmicas, refundando o amor e a maternidade em novas bases.

Sobre a historicidade do patriarcado, a autora e o autor recuperam diversas conferências de Kollontai para enfatizar seu esforço, ao analisar diversos períodos históricos, em demonstrar que a opressão das mulheres não é natural. Tampouco a estrutura familiar. Reconfigurada sobre o capitalismo, a família, centrada no casamento monogâmico, sedimentava-se a partir de três aspectos principais: interesses financeiros e materiais; a submissão econômica das mulheres à estrutura familiar e ao marido, em vez de ao coletivo; a responsabilidade pelo cuidado dos filhos, este último sendo, fundamentalmente, uma obrigação das mulheres.

A partir dessa constatação, Bronnikova e Renault mostram que, para Kollontai, as opressões de classe e gênero, embora conectadas, mantêm suas particularidades. Crítica ao feminismo burguês, que desconsiderava a relação inextricável entre o movimento operário e o movimento das mulheres, ela buscou operar uma difícil intersecção – sem que houvesse hierarquização – entre classe e gênero.

Frutos dessa intersecção, redes de sociabilidade femininas estabeleciam-se. Internacionalmente, ainda no contexto da II Internacional, Kollontai firmou laços com Clara Zetkin, considerada uma espécie de modelo de militância para a revolucionária russa, algo que não impediu discordâncias e embates. Nacionalmente, ainda em 1905, buscou criar o gabinete da mulher no Partido Social-Democrata russo, frustrado pela dominação masculina. Para além, em 1907, fundou a Sociedade de Ajuda Mútua para as mulheres trabalhadoras, baseada em uma perspectiva de autogestão.

A partir de então, começaram a surgir críticas às suas ideias e práticas políticas. Homens do partido, incluindo Lenin, caracterizavam-na como diversionista, por defender as

particularidades da luta feminina no seio do movimento operário. Evidenciando as limitações do contexto histórico, a autora e o autor apontam que mesmo mulheres como Vera Zassúlitsh – que gozava de imenso prestígio por sua trajetória militante – criticavam a perspectiva de Alexandra Kollontai, por considerá-la supérflua. O marxismo “original”, “autêntico”, não deveria operar nenhuma distinção entre homens e mulheres. Segundo a Bronnikova e Renault, para Kollontai, no entanto, recusar a distinção seria recusar o status de sujeito revolucionário às mulheres.

Nenhuma de suas ideias, no entanto, sofreria tantas críticas como suas proposições a respeito do imperativo de criação de uma nova moral sexual. Com o sucesso da revolução em outubro de 1917, Kollontai decide centrar esforços no debate sobre a moral sexual. Embora a revolução tenha, logo de início, estabelecido uma legislação que facilitava o divórcio às mulheres, assim como o aborto, apontava para a insuficiência dessas medidas na emancipação das mulheres e na construção da sociedade comunista. Assim como Wilhelm Reich em *A revolução sexual*, publicada anos depois, em 1936, a revolucionária russa aponta para a indissociabilidade entre a luta proletária e a luta contra as estruturas familiares e conjugais. Como a família baseada no casamento monogâmico serve à manutenção da propriedade privada e, consequentemente, ao sistema capitalista, a sociedade comunista não se estabelecerá apenas com a tomada do poder. Assim como o capitalismo havia ressignificado a função social da família, seria necessário refundar a moral sexual sobre novas perspectivas, centralizando esforços para a ressignificação do núcleo do casamento e da família. Seria necessário, portanto, refundar o amor.

Ao contrário do amor monogâmico, individualista – que confinava a vida das mulheres à órbita dos maridos e ao cuidado dos filhos, reforçando, assim, os valores capitalistas – Kollontai propunha o amor-jogo. Relações afetivo-sexuais que, desprendidas da noção de pertencer e ser proprietário de outrem, servissem como uma espécie de liga construtora de uma solidariedade coletivista. Funcionando como escola do comunismo, laboratório microcósmico de uma nova sociedade, o amor como ponta de lança de uma ética comunista e camarada. O amor-camaradagem. Um movimento afetivo que, em oposição à estreiteza do âmbito familiar, libertaria, a um só tempo, os amantes e, mais especificamente, as mulheres. Assim, e somente assim, o comunismo poderia atingir, plenamente, uma relação de igualdade entre homens e mulheres.

Ressignificando o amor, transformando a moral sexual, a família seria desfeita. Com seu fim, ressignificar-se-ia, também, a maternidade. E na intersecção entre a nova moral sexual e a maternidade vislumbra-se, com nitidez, as zonas de sombra e ambivalências do pensamento da revolucionária russa.

O último capítulo é reservado a essas ambivalências, ao que a autora e o autor nomeiam como “bioprodutivismo” (BRONNIKOVA; RENAULT, 2025, p. 171). Ao unir uma perspectiva moral – segundo a qual os interesses coletivos devem se sobrepôr, e até mesmo legitimar a submissão dos interesses individuais – a uma perspectiva higienista e eugenista, centrada na preservação da raça e do corpo são, a maternidade deixava de ser apenas algo natural às mulheres: tornava-se um dever perante o coletivo. Obrigação inevitável. O corpo feminino a “[...] serviço da coletividade” (BRONNIKOVA; RENAULT, 2025, p. 193), produzindo um novo membro para a república comunista.

Como filha de seu tempo, suas ideias também são registro das limitações, preconceitos e estreitezas do pensamento comunista do início do século XX. O exame da vida e obra de Kollontai não resiste às análises binárias. Para além de lançar luz ao pensamento de uma comunista pouco conhecida no Brasil, a importância do livro reside no destaque à complexidade de uma vida. Neste sentido, o livro não é apenas uma contribuição importante às historiografias feminista e marxista brasileiras, mas também à historiografia a respeito de biografias, esse “modo particular de escrever a história” (Jacques LE GOFF, 1999, p. 20), sem ceder à escrita hagiográfica.

Por fim, voltemos à questão inicial. A que se deve o ostracismo da vida e obra da revolucionária russa? O percurso da obra mostra que as razões são múltiplas. Suas posições sobre a moral sexual e sua atuação na Oposição Operária, contrária à burocratização da revolução, levaram-na a um exílio velado, com funções diplomáticas fora da URSS. Para além, é inegável que a sorte de sua trajetória também diz respeito à perspectiva androcêntrica que permeou a cultura comunista no século XX. No panteão revolucionário, as “[...] figuras heroicas e públicas, os modelos de força e coragem e, portanto, os objetos privilegiados de admiração são, majoritariamente, masculinos.” (Florence JOSHUA, 2015, p. 180).

No entanto, como explicar, por exemplo, a divergência de tratamento com a vida e obra de outras revolucionárias comunistas como Rosa Luxemburgo? Aqui, portanto, reside um segundo aspecto. Seu ostracismo não diz respeito à relevância das ambivalências e limitações de seu pensamento. Ao contrário. O esquecimento de Kollontai, em vida ou após a morte, diz respeito à intransigência contra a burocratização da revolução e, especialmente, ao seu coração teórico. Ao imperativo dialético de transformar a sociedade e, ao mesmo tempo, transformar a vida. De pensar a dialética entre amor e revolução. Sobre ela e seu pensamento foram impostas a pecha de pequeno-burgueses. As mulheres, o amor, o sexo e a família considerados como questões secundárias, menos importantes.

A biografia, somada às publicações em português de suas *Obras Escolhidas* (KOLLONTAI, 2021) e da coletânea *Kollontai e a revolução: escritos sobre amor e luta* (Annabelle BONNET; Renata MOREIRA; Maísa AMARAL, 2023), evidencia que essas questões – e sua trajetória – estão longe de ser secundárias. Ao contrário. Contribuindo às discussões a respeito das relações entre gênero, política e subjetividades, o esforço conjunto e complementar das casas editoriais brasileiras sublinha, com Kollontai, a pertinência, atualidade e urgência de pensarmos, simultaneamente, a revolução na produção e a revolução na reprodução.

Referências

- BEBEL, August. *Woman under socialism*. New York: New York Press, 1923[1879].
- BONNET, Annabelle; MOREIRA, Renata; AMARAL, Maísa (org.). *Kollontai e a revolução: escritos sobre amor e luta*. São Paulo: Expressão Popular: 2023.
- BRONNIKOVA, Olga; RENAULT, Matthieu. *Kollontai: desfazer a família, refazer o amor*. Trad. de Letícia Mei. São Paulo: Boitempo: 2025.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. de Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2019 [1884].
- JOSHUA, Florence. *Anticapitalistes. Une sociologie historique de l'engagement*. Paris: La Découverte, 2015.
- KOLLONTAI, Alexandra. *Obras escolhidas*. 2v. São Paulo: Lavrapalavra: 2021.
- KOLLONTAI, Alexandra. *A nova mulher e a moral sexual*. São Paulo: Expressão Popular, 2000.
- LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo: 2010 [1848].

Higor Codarin (hcodarin@unicamp.br; higor.codarin@gmail.com) é pesquisador de pós-doutorado vinculado ao Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com período sanduíche na Université Paris-Est Marne-la-Vallée. Seus principais temas de interesse são: história das esquerdas brasileiras; gerações de 1968; ditadura civil-militar brasileira; sociologia do engajamento militante e subjetividades militantes.



COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

CODARIN, Higor. "Amor enquanto escola do comunismo: emancipação feminina e revolução sexual". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 33, n. 3, e107013, 2025.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo nº 2023/14002-7).

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em 15/05/2025
Reapresentado em 28/06/2025
Aprovado em 03/07/2025